

**A vida
através dos
letramentos**

Karin Paola Meyrer

O ano é 1939, o mês de janeiro chega ao fim e saúda o dia primeiro de fevereiro anunciando o nascimento de 2 meninas gêmeas, em uma humilde residência do interior do município que viria a se tornar Morro Reuter 53 anos mais tarde. Ilse e Nelsi Knorst chegaram ao mundo em um período marcado por guerras e conflitos, mal sabiam elas que suas vidas seriam verdadeiros campos de batalha.



Uma das garotas será o foco de minha história: Ilse, mais conhecida por mim como *vó*. Ao lembrar sua infância, com olhos brilhando, ela recorda de pendurar-se nas bergamoteiras do jardim de casa, fazer comida com lama na companhia dos irmãos e vizinhos. A vida não era brincadeira o dia todo, as tarefas domésticas precisavam ser realizadas desde muito cedo, assim como o cultivo das frutas e verduras na roça auxiliando sua mãe.

Chega então o momento de ir à escola, ao falar disso os olhos já não brilhavam mais. Ilse cursou até a 4ª série do ensino primário, dizendo que não haviam escolas para continuar os estudos na época. Ela lembra que ir à escola era uma tortura, o nome do professor que a acompanhou nesses quatro anos até hoje não foi esquecido, assim como seus castigos e punições por mau comportamento. “Não aprendíamos quase nada”, disse ela, “lembro de aprender a ler e escrever e fazer algumas contas.”

Castanheiro, Green, Dixon (2007) alegam que o letramento é um processo dinâmico, sendo assim, a ação letrada é constantemente construída e reconstruída pelos participantes daquele contexto em questão, sendo localmente desenvolvida. Para a minha avó e seus colegas, compreender a ação letrada em que estavam inseridos e fazer parte dela, com menos sofrimento eu diria, envolvia disciplina e a compreensão das consequências na falta dela.

Além disso, a escola trazia consigo um outro desafio quase maior do que *sobreviver* aos métodos disciplinares do professor: o idioma. Minha avó é de uma família de origem alemã, tendo o alemão como sua língua materna mesmo nascendo e morando no Brasil. Na escola, as aulas eram ministradas em português e os alunos só podiam se comunicar através dele, mesmo que a língua materna da maioria dos alunos fosse o alemão.

Leu et al (2013) afirma que novas práticas sociais de letramento emergem a todo momento, muitas vezes dentro de um discurso pertencente a uma determinada comunidade, conseqüentemente afetando o modo de ensinar e redefinindo o letramento. Dentro daquela comunidade de origem alemã, os efeitos das grandes guerras e o desenvolvimento social trouxeram consigo uma nova prática de letramento, comunicar-se em língua portuguesa. Ao questioná-la sobre o processo de aprendizagem da nova língua Ilse me disse: “fomos aprendendo com o passar do tempo, nem sei dizer como.”

Os anos escolares acabaram, trazendo consigo as árduas jornadas de trabalho e os questionamentos sobre o futuro. Vinda de uma família extremamente católica, que rezava o terço em alemão todos os dias, Ilse viu na religião o seu futuro, nascia nela o desejo de tornar-se freira. As malas já estavam quase prontas, e ela sentia que era essa sua vocação, mas, como você já deve imaginar, esse sonho não foi realizado.

Até hoje sem saber direito o porquê, Ilse conta que sua mãe não permitiu que ela fosse ao convento, restou a ela ficar em casa e trabalhar, trabalhar muito. Foi empregada doméstica de várias famílias da região, garçonete, cozinheira, babá, além de nunca ter deixado a agricultura para ajudar a família que consumia o que plantava.



Aos 16 anos começou a namorar Alcido Birck, meu avô. Um jovem bem apessoado cuja família era vizinha dos Knorst mantendo uma ótima relação de amizade.

Aos 18 anos ela passou a ser Ilse Birck.



Iniciava então uma nova jornada com novos desafios. Ilse e Alcido tiveram 6 filhos (confira abaixo a foto da família nos dias de hoje, celebrando os 60 anos de casados), antes da chegada do primeiro bebê resolveram investir em um salão de baile e bodega. O local chamava-se Matinê e também contava com quartos para pensionistas. Juntamente com um sócio, mantiveram o local por alguns anos e com os lucros puderam sair da casa dos pais de Alcido e construir sua própria casa.



Já com 2 filhos, Ilse precisava cuidar da Matinê, limpar, cozinhar, plantar, colher e cuidar dos filhos, enquanto Alcido trabalhava fora e voltava à noite para ajudar no negócio. Ilse lembra que nesse momento de sua vida pôde desenvolver o português que aprendeu na escola, visto que a maioria dos clientes não era de origem alemã.

Leu et al (2013) sugere que o letramento é um termo que tornou-se dêitico, uma vez que as rápidas mudanças, principalmente tecnológicas, transformam e abrangem o termo constantemente, redefinindo o que é ser letrado. Em consonância, Castanheira, Green e Dixon (2007) falam em letramentos, uma vez que o termo de maneira singular não consegue abranger suas tantas facetas nem mesmo o que significa participar de práticas de letramento em diferentes grupos sociais. Apesar de minha avó não ter crescido na era digital, sua vida foi marcada, e ainda é, por diversos letramentos. Aprender outro idioma para fazer parte da prática social que é a escola, aprender a trabalhar em diferentes contextos, plantar, colher, ser esposa, ser mãe, ser avó, ser bisavó.

Minha avó nunca teve a chance de viajar e conhecer outros lugares que não fossem os arredores de sua própria cidade, porém sabe dizer qual a melhor lua para plantar feijão, batata, aipim.



Minha avó é bilíngue, sem nem saber o significado desse termo, escolhendo a dedo em quais momentos usar uma língua ou a outra. Minha avó não sabe consultar o Google para esclarecer dúvidas, mas é letrada nas mais variadas receitas naturais, “esse chá é bom para dor de barriga, esse aqui para dor de dente, esse outro tome frio para aumentar a imunidade.”

Minha avó não experimentou comidas típicas de outros países nem mesmo frequentou muitos restaurantes, mas faz pão, carne no fogão a lenha, rosca, bolo, massa caseira sem nem consultar as receitas.



Minha avó nunca teve o hábito da leitura nem incentivou seus filhos a o fazerem, mas sempre tem uma palavra de amor, carinho e conforto quando precisamos dela. Dona Ilse pode não entender as graves implicações do Covid-19 pelo mundo, mas me disse que reza toda noite pela saúde de todos.

Então, seria muita ingenuidade pensarmos que podemos definir letramento como uma palavra singular, tão pouco que letramentos escolares são os únicos que podem ser ensinados. É preciso lembrar que os letramentos ensinados na escola serão aqueles usados na “vida real” e vice-versa, sendo modificados, repensados e co-construídos por seus participantes de acordo com as realidades em que estão inseridos. Vamos reconhecer a variada gama de letramentos que nos cercam e que crescem a cada momento nessa sociedade em constante evolução e modificação. Como diz uma pessoa especial que conheço: “ah, as histórias de letramento são tão lindas...”



Referências:

CASTANHEIRA, Maria Lucia; GREEN, Judith L.; DIXON, Carol N. Práticas de letramento em sala de aula: uma análise de ações letradas como construção social. *Revista portuguesa de educação*, v. 20, n. 2, p. 7-38, 2007

LEU, Donald J. et al. New literacies: A dual-level theory of the changing nature of literacy, instruction, and assessment. *Journal of Education*, v. 197, n. 2, p. 1-18, 2017.